



Fazer Arte Para Fazer Parte
Percursos

Sílvia Masulo



Copyright © 2024 - Silvia Masulo

Serviços Editoriais: Selo Literário Clika

FICHA TÉCNICA

Capa/Criação e Arte Final: João Guena

Revisão: Juliana Gobbe

Diagramação: Nenê Cassavia

*Realizado com recursos da Lei de Emergencial
Cultural Paulo Gustavo.*

Lei Federal n° 195/2022 e suas alterações

Todos os Direitos Reservados.



seloclika@gmail.com

A Arte de Fazer Parte

Percursos

SILVIA MASULO

“Pertencer não vem apenas de ser fraca e precisar unir-se a algo ou a alguém mais forte. Muitas vezes a vontade intensa de pertencer vem em mim de minha própria força – eu quero pertencer para que minha força não seja inútil e fortifique uma pessoa ou uma coisa”.

Clarice Lispector

Agradecimentos

Agradeço ao teatro que entrou em minha vida trazendo mais sentido para estar no mundo.

Ao Hideki, meu companheiro de vida que me apoia, me dando chão para que eu possa voar.

À Juliana Gobbe por me fazer acreditar na possibilidade de escrever um livro.

A minha amiga querida, Judith Berenstein, coordenadora de inclusão do Instituto Sempre uma Voz que traz equilíbrio e coerência as nossas ações.

Às artistas mediadoras, Júlia Holzhauser que me recebeu de braços abertos desde o primeiro instante, Flávia Moreno que abraçou o desafio sem reservas, Bárbara Bagattini que traz leveza e movimento, Roberta Barsotti por sua escuta atenciosa.

À Marli, por sua entrega e disponibilidade em todas as horas. Nossa melhor e por enquanto, única voluntária cadastrada.

Ao João por todo apoio em cuidar da nossa imagem para o mundo e paciência em me ensinar os caminhos das novas mídias.

Às mães, pais , avós, irmãos, amigos, responsáveis e cuidadores dos jovens, pelo apoio confiança em nosso trabalho e por acreditarem incondicionalmente na potencialidade de seus filhos.

E por fim, às pessoas que são o sentido de todo o trabalho, os jovens e adultos participantes do Instituto. Aos que fizeram, fazem e farão parte do nosso percurso.

SUMÁRIO

Prefácio

Sobre As Diferenças Na História

Como Tudo Começou

Teatro De Augusto Boal

Inclusão - Futuro Para Uma Humanidade
Mais Humana

Nossos Processos De Montagem

Histórias Inspiradoras

Depoimentos

Anexos

Prefácio

Apresentar o trabalho da Sílvia Masulo é prazeroso, demais!!!

Pequena notável, tornou-se Grande! Esse desabrochar foi sensível e intenso! Conhecer esse seu trabalho, encheu-me de orgulho por vê-la plena e cercada de pessoas boas e profissionais envolvidos com a mesma missão, ou seja, incluir e possibilitar novos olhares no cotidiano de pessoas e familiares “especiais”.

Tornar-se uma Organização Social Civil, sem fins lucrativos (OSC), foi a determinação acertada para possibilitar a transformação e enriquecimento da vivência de todos, não só dos alunos, familiares, profissionais, mas, de VOCÊ que escolheu fazer parte dessa OSC, lendo, conhecendo e integrando-se nessa caminhada!

Obrigada, Silvia, por assumir esse desafio! Sem mais delongas, convidado-O a maravilhar-se com esse trabalho!

Boa leitura e engajamento!

Magali Bussab

Sobre As Diferenças Na História

Que tempos são estes, em que temos que defender o óbvio?

Bertolt Brecht

Ao longo da história, homens e mulheres foram construindo a existência de acordo com o desenvolvimento do trabalho, através da transformação dos elementos da natureza existentes num mundo sensorial e instintivo. Aqui e acolá a aquisição do conhecimento sobre os possíveis modos de experimentar a vida nos dão notícias da crueza no tratamento de mulheres, crianças, etnias subjugadas, pessoas com deficiências físicas e os chamados “loucos” durante este tumultuado processo histórico.

Interessante perceber os modos de construção da vida, antes e depois de Aristóteles, que aliás reinou absoluto até o século XVII.

Muitas vezes, quem gosta de estudar os assuntos relacionados à história, se perde imaginando a existência na idade média, por exemplo. Como era viver numa época marcada por tantos acontecimentos nefastos, como a peste? Será que as pessoas naquele tempo tinham a noção de individualidade que temos hoje? A resposta é não. Ninguém sequer imaginava-se como indivíduo. Na renascença tudo mudaria, as concepções avançariam. Da Vinci pintaria sua Monalisa como única e, ainda por cima indecifrável. Homens e mulheres aos poucos iam tomando consciência de seus corpos.

Em História do medo no ocidente, o historiador francês Jean Delumeau nos propõe um olhar atento para o pensamento mágico que envolveu a Idade Média. Um pensamento enaltecido do castigo divino para quem “burlasse” as expectativas normativas da Igreja Católica.

Cabe aqui enfatizar que as mulheres sofreriam uma verdadeira caça às bruxas, pois eram acusadas de toda espécie de feitiçaria e poderes mágicos para dar fins trágicos à existência dos homens. A italiana Silvia

Frederici também chama a atenção em suas obras para a questão do tratamento diferencial em relação às mulheres, sempre submetidas ao patriarcado.

No que diz respeito às crianças, estas só começaram a ser respeitadas em suas demandas afetivas e sociais, após o século XVIII. Até então eram tratadas como adultos em miniatura, ou seja, os pais ainda não tinham uma clara noção da infância em suas limitações e potencialidades.

Desse modo, apreendemos as diferenças num processo histórico e desigual, no qual muitas pessoas sempre foram colocadas às margens da sociedade.

Outra infame diferenciação de pessoas se deu através do racismo desde o mercantilismo, impondo o poder dos brancos, pela falácia da inferioridade dos negros. Ora, para dominar é preciso inferiorizar. Não há domínio de um povo sobre o outro sem que antes os dominados sejam objetificados e tratados de forma preconceituosa.

Dessa forma, as histórias individuais são sempre atravessadas pela História social.

A observação de Lukács nos traz o seguinte:

A historicidade do ser social não se limita, contudo, a esse seu decurso imediato. O ser humano é também um ser fundamentalmente histórico-social, na medida em que seu passado constitui, sob a forma do seu próprio passado, um momento importante do seu ser e atuar presentes. Já o ser humano singular, enquanto singular, vive e constitui sua própria vida histórica espontaneamente, na medida em que as recordações da própria pré-história constituem elementos importantes para as suas decisões entre alternativas atuais e ainda mais para a sua unificação em sua personalidade. Isso aparece no nível social do ser ainda mais decisiva e fortemente e, muitas vezes, de modo mais concreto.

(Lukács, 2010, p. 109).

A avaliação do pensador húngaro tenciona características importantes da existência ao mesmo tempo amalgamada aos aspectos históricos e cindida por uma singularidade que absorve a história, mesmo que de forma inconsciente.

Importante se faz aqui, enfatizar a noção de valor agregada às pessoas, em relação às condições materiais privilegiadas. Não se é. Nunca se foi. Tem-se ou não. Eis a lei dos campeões, desde sempre.

O que se percebe então, principalmente no discurso médico, que sempre se pretendeu único, o que o antropólogo Gilberto Velho denominou “patologização do desvio”. É este um conceito muito caro para os dias atuais, pois engloba questões cruciais para o debate na atualidade.

Ainda pensando no processo histórico, os desvios de padrões preestabelecidos sempre foram tratados como aberrações, jogando-se crianças com deficiências físicas dos penhascos ou internando os chamados “loucos” em instituições que mais pareciam prisões.

Para Foucault:

A internação é uma criação institucional própria ao século XVII. Ela assumiu, desde o início, uma amplitude que não lhe permite uma comparação com a prisão tal como esta era praticada na Idade Média. Como medida econômica e precaução social, ela tem valor de invenção. Mas na história do desatino, ela designa um evento decisivo: o momento em que a loucura é percebida no horizonte social da pobreza, da incapacidade para o trabalho, da impossibilidade de integrar-se no grupo; o momento em que começa a inserir-se no texto dos problemas da cidade. As novas significações atribuídas à pobreza, a importância dada à obrigação do trabalho e todos os valores éticos a ele ligados determinam a experiência que se faz da loucura e modificam-lhe o sentido (Foucault, 1972, p. 89).

Crucial colocar aqui o preconceito em relação a uma sociedade que aos poucos ia tecendo seus fios no tear capitalista, pois a questão da produtividade sempre foi levada em conta, ou seja, os ditos “normais” produzem plenamente e as pessoas com deficiência não têm “capacidade” para produzir. Quando pensamos e avaliamos hoje o conceito capacitismo, podemos constatar que ele sempre existiu, no entanto, só foi se vestindo de novas formas.

Sabemos que todo e qualquer desenvolvimento humano dá-se de maneira a contemplar as demandas da existência, o que nos oportuniza constatar que desenvolvimento atípico não significa determinismo biológico, pois seja por caminho direto ou indireto as pessoas sempre se apropriam de determinados saberes.

O que não podemos e nem devemos endossar é a questão de uma inclusão que não faça jus ao processo de igualdade social diante das diferenças humanas.

Ao longo da história do mundo orientamo-nos pelas visões errôneas e estereotipadas das pessoas com deficiência, seja intelectual, mental ou física. Fomos levados a acreditar, sobretudo pelo neoliberalismo que o corpo útil é o que faz sentido para a vida em sociedade, mascaramos nossos preconceitos através do processo de olhar o outro sem de fato enxergá-lo em suas amplas dimensões. Para os teóricos do modelo social a aparência da deficiência, vista no capitalismo como tragédia e limitação pessoal, também difere de seu verdadeiro significado, emoldurado por fenômenos como a opressão e a discriminação (Mendes; Piccolo, 2013).

De acordo com Amaral:

*A filósofa Agnes Heller já nos ensinou que a cotidianidade - entendida como uma não apropriação plena dos objetos e fatos que se apresentam - pode impregnar de tal forma nossa percepção do mundo que tornamos “natural” aquilo que é historicamente constituído. E, assim, deixamos de perceber as nuances infinitas que colorem o dia-a-dia, o cotidiano propriamente dito, obscurecida a visão pela vitalidade da ideologia dominante.
(Amaral, 1998, p.12).*

Em nenhum momento nos arvoramos a invalidar a medicina, no entanto, não podemos compreender qualquer tipo de deficiência através de mecanismo que se pretenda unilateral, sem precisamente nos envolvermos com processos econômicos, históricos e sociais que vão constituindo a subjetividade humana.

Pois, como Mendes e Piccolo, também entendemos que:

Ser deficiente tem significado estar alijado dos serviços básicos, a uma existência efetivamente digna, ou em outros termos, significa, invariavelmente, ter uma vida precária. Em síntese, a deficiência tende para a pobreza como a pobreza para a deficiência. (Mendes; Piccolo, 2013,p. 295).

Assim, nosso dever é o de lutar por políticas de estado e não de governos que tratem a vida, seja de qual forma ela se apresente com a devida dignidade para que nossas crianças e jovens com deficiência, englobando aqui todas, tenham acesso à alimentação, saúde, educação e arte.

Encerramos este despretensioso capítulo que introduz o Livro Fazendo Arte. Fazendo Parte agradecendo uma artista incansável que no decorrer dos anos vem nos emocionando com seu trabalho ímpar. Sílvia Masulo é grandiosa, sem esquecer de fazer grandes aqueles que a rodeiam. Parabéns, minha querida!

Juliana Gobbe

Referências Bibliográficas:

AMARAL, Lígia. Diferenças e preconceitos na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

DELUMEAU, Jean. A História do Medo no Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

FOUCAULT, Michel. A História da Loucura na Era Clássica. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

LUKÁKCS, György. Prolegômenos para uma ontologia do ser social. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENDES, Enicéia; PICCOLO, Gustavo. Sobre formas e conteúdos: a deficiência como produção histórica. 2013, v. 31, n. 1, 283-315. Perspectiva, Florianópolis.

Como Tudo Começou

Muitas pessoas me perguntam qual foi minha trajetória até optar por desenvolver o trabalho de artes cênicas com pessoas com deficiência.

Agora, que me deparo com o desafio de escrever sobre a história do nosso grupo nesses sete anos de existência, vejo a oportunidade de também contar um pouco da minha história e os acontecimentos que me trouxeram até aqui.

Nasci em São Paulo e por trinta e cinco anos morei no bairro da Bela Vista. Naquela época nessa região predominava a colônia italiana, em quase todas as esquinas podíamos encontrar padarias e mercearias com produtos típicos, barbearias com portas de vidro e os barbeiros usando camisas brancas com suspensórios. Filha única e com saúde frágil quase não saía para brincar com outras crianças; em casa inventava histórias e por falta de companhia interpretava todos os personagens. Penso que essa infância solitária tenha contribuído fortemente para que eu desenvolvesse a imaginação e fantasia.

Durante o primário e ginásio (Ensino fundamental atual) frequentei escolas públicas próximas de casa, porém ao passar para o colegial (Ensino Médio) uma amiga sugeriu que fôssemos para uma escola onde seu pai lecionava: Brasília Machado.

O Brasília como era chamado carinhosamente pelos alunos ficava na Vila Mariana vizinho ao Museu Lasar Segal que abrigava, além das obras de arte, uma das mais ricas bibliotecas de textos teatrais. A proximidade e frequência ao Museu foram determinantes para futuras escolhas que viria fazer.

Novo ambiente, novos amigos e a inquietação em relação ao vestibular, na verdade não tinha a mínima ideia de qual profissão seguir.

Um dia depois da aula uma amiga convidou-me para acompanhá-la a uma palestra para ingressar como voluntária na AACD (Associação de Assistência à Criança Defeituosa), sim até o ano 2000 esse era o nome da Instituição que a partir daquele ano passou a se chamar Associação de Assistência à Criança Deficiente.

O bairro da Vila Mariana abrigava várias organizações voltadas à saúde, terapias, tratamentos e educação de crianças com deficiência física. Vivi minha adolescência passeando pelas ruas dessas organizações; a arquitetura o movimento de pessoas; profissionais, atendentes, professores, usuários, de certa forma me influenciaram-nas escolhas que viria a fazer futuramente.

Quando chegamos à AACD me senti completamente fascinada pela grandiosidade do prédio e a variedade de terapias oferecidas naquele local.

Para não ter que ficar aguardando minha amiga do lado de fora decidi assistir a palestra e preencher a ficha de candidata ao voluntariado.

Conclusão: minha amiga não foi selecionada e eu sim fui convidada a fazer parte do quadro de voluntárias da Instituição.

Foi dessa forma inusitada que aos 17 anos fiz a escolha por trabalhar com pessoas com deficiência. A partir daí, por influência dos profissionais da área onde fui designada, prestei vestibular em pedagogia e participei do primeiro curso de Educação Especial da APAE-SP.

Na mesma época em que cursava faculdade comecei a me interessar por teatro participando de cursos livres em oficinas Culturais do Estado. Mas foi no teatro do Sesi que tive oportunidade de conhecer e trabalhar com Chiquinho Medeiros, grande diretor teatral, esse contato foi fundamental para que eu seguisse a carreira de atriz. Também tive a alegria de ter como mestres: Carlos Alberto Sofredini, Elvira Gentil, Célia Helena, grandes artistas que marcaram profundamente minha trajetória nas artes cênicas.

Iniciei minha vida profissional como professora do ensino público em uma sala de educação especial.

Os desafios do professor das “salas especiais” eram imensos, o grupo da classe era composto por crianças de diferentes deficiências com diversos níveis de suporte, os próprios colegas professores demonstravam descrédito e preconceito em relação ao nosso trabalho. Diziam que “ganhávamos no mole”, pois além de termos um número menor de estudantes em sala de aula, na visão deles não precisávamos nos preocupar em ensinar “especiais”, mas na verdade eu sentia que se tratava comecei a pensar na possibilidade de aplicar recursos das artes cênicas como facilitadores do processo de aprendizagem.

Mudei a configuração das carteiras e aos poucos fui apresentando alguns jogos. Com o tempo observei que as atividades expressivas eram um instrumento potente para o desenvolvimento das crianças e comecei a me dedicar com mais afinco a essa pesquisa.

Lecionei também em organizações como: Gepeto, Lar Mãe do Divino Amor, Lumem e ADID (Associação para o desenvolvimento integral do Down), Estação especial da Lapa. Enfim, em todas as instituições que trabalhavam com crianças e jovens com deficiência. Foi na ADID que conheci Magali Bussab, educadora brilhante que se tornou grande amiga e incentivadora para que eu continuasse a trabalhar e pesquisar na área, desenvolvendo essa parceria entre as artes cênicas e educação especial.



Estação Especial da Lapa - 1996



Estação Especial da Lapa -1996

Em 1997 me mudei para Bom Jesus dos Perdões, retornando para São Paulo num curto período e finalmente em 2005 me estabelecendo em Atibaia. Durante quatorze anos me dediquei à área social, me distanciando do teatro e da educação, porém sem perder de vista meu lado artístico desenvolvendo alguns trabalhos como atriz e diretora teatral.

Em 2018 fui procurada para trabalhar como professora de teatro para um grupo de jovens e adultos com deficiência no projeto: Flor da Vida, coordenado por Regina Spaceck. Num primeiro momento tive um certo receio, pois há alguns anos não trabalhava com esse público como também não sabia se conseguiria conciliar minhas obrigações como gestora de um Espaço Cultural com essa atividade.

Por fim, decidi aceitar o desafio o que se configurou como um divisor

de águas em minha vida e aprofundou minha crença no potencial da arte. Naquele ano revisei os ensinamentos de todos os mestres e mestras de teatro com quem havia trabalhado, reli antigos textos, mergulhei nos escritos de Augusto Boal, minha inspiração no trabalho com não atores e busquei referências de outros grupos que trabalham com pessoas com deficiência, porém o que norteou o trabalho foi a escuta diária daqueles jovens e seu modo peculiar de estarem no mundo.

Das pesquisas revisitadas que nortearam as bases teóricas do Teatro Inclusivo que viria a desenvolver com esse grupo, destaco trechos do trabalho de conclusão de curso da pós graduação que realizei em na Faculdade São Judas Tadeu em 2011.

Retomando o conceito de Arte e as possibilidades de sua aplicação para um processo de autoconhecimento, expressão e inclusão.

O que é arte?

Para abarcar tudo o que se pensa ou pensou, tudo o que se diz ou tudo o que se sente sobre Arte, um só conceito é insuficiente.

Artistas, donas de casa, pensadores, religiosos, crianças, críticos, artesãos, todos tem uma definição para Arte. Estas definições são muitas vezes contraditórias, revelando a relatividade de valores, princípios e conceitos estéticos e artísticos; porém sempre a ideia de Arte está relacionada à expressividade. Algumas citações podem ilustrar essa diversidade de conceitos sobre Arte:

“Se alguém chama isto de arte, então é arte”.

(Donald Judd).

“A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo, mas a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”.

(Ernest Fischer).

“A invenção de grossas mentiras e a descoberta de belas inverdades formam propriamente o objetivo da arte”.

(Federico Zuccari)

“Se a arte não tem função espiritual, ela não é nada”.
(Mathias Goeritz).

Expressar-se é imperativo para o ser humano e desta forma a Arte sempre existirá, mesmo que de tempos em tempos seu desaparecimento seja anunciado como vemos em Breton.

“A Arte está morta” grafitaram os jovens franceses nos muros, em maio de 1968. Paradoxalmente a frase em questão expressava o estado de espírito daquele momento podendo (numa visão histórica) ser chamada de Arte politizada. A arte autêntica, hoje em dia, está ligada à atividade social e revolucionária, uma e outra tendem para o mesmo objetivo: a destruição da sociedade capitalista”.

(BRETON, 1955, p.42).

Se sempre encontraremos olhares diferentes para a atividade artística, para que então buscarmos um conceito de Arte? Simplesmente para “ser citada” ou seria “um mote para debates e conferências” ou ainda para “elaboração de teses universitárias”(Frederico Moraes, 1998).

Além de todos esses motivos que mais parecem entretenimento intelectual podemos dizer que quando elaboramos um conceito para arte estamos tentando apreender cada vez mais o sentido dessa necessidade vital e desvendar o mistério que ela nos impõe. Essa vontade de expressar-se advém de um pulsar do inconsciente que se revela na linguagem simbólica que é a linguagem própria da arte.

A natureza sempre busca recuperar-se e a expressão artística pode ser um instrumento para essa equilibração, portanto, a arte seja ela entendida tanto de uma forma como de outra é um meio para que o Homem integre seu ser e possa contribuir com a experiência coletiva

- A raiz da palavra Arte é Arns (latim) que significa técnica ou habilidade, mas conceituá-la é uma tarefa desafiadora, pois a ideia de Arte é mutável,

complexa e adquire significados diversos em épocas e lugares diferentes de acordo com a cultura e os valores de cada sociedade.

Ernest Gombrick, historiador Vienense, um dos maiores estudiosos sobre o renascimento, chegou a afirmar que nada existe realmente a que se possa dar o nome de Arte. *“Existe somente artistas, uma vez que, Arte seria o próprio homem no enfrentamento existencial diante responsabilidade de criar para chegar à profundidade seu ser”* (Gombrick, 2008),

Em busca de um conceito mais geral encontramos no novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa a seguinte definição: *“Atividade que supõe a criação de sensações ou de estados de espírito de caráter estético, carregados de vivência pessoal e profunda, podendo suscitar em outrem o desejo de prolongamento ou renovação”*(Ferreira, 2010).

Já para Beuys (1972), artista alemão, não deve haver distinção entre artista e observador, pois todos somos artistas e o processo criativo é uma atividade libertadora, *“Toda pessoa é um artista”* esta sua frase emblemática e também título de uma de suas obras, pressupõe que a arte pensada como potencial criativo não é propriedade de alguns “iniciados” mas, ao contrário pertence a todo gênero humano.

Sob este prisma todas as pessoas estariam aptas ao fazer artístico pois a capacidade criativa é inerente ao ser humano, como nos coloca Ostrower:

Reiteramos que a criatividade é a essencialidade do Humano no Homem. Ao exercer seu potencial criador, trabalhando, criando em todos os âmbitos do seu fazer, o homem configura sua vida e lhe dá sentido. Criar é tão difícil ou tão fácil como viver e do mesmo modo necessário”
(Ostrower, 2008, pg. 66).

É esta vocação da Arte como força expressiva que pressupõe seu potencial terapêutico, e segundo Jung (1920) Arte é a forma mais legítima da expressão do inconsciente, é uma linguagem de manifestação da psique através de símbolos, que conduz o ser humano de um estado infantil de identificação em direção a um estado de maior diferenciação, levando-o uma consciência da totalidade.

Numa abordagem da Arte como atividade expressiva e inclusiva a Arte deve ser entendida como possibilidade de equilíbrio psíquica e por esse motivo não se interessa por juízo de valor estético, mas sim o significado particular que uma atividade artística possa ter para quem se expõe através dela.

Ao pintar, modelar, encenar uma peça ou executar um passo de dança, não será importante o aprimoramento da técnica, mas, importará que se expressando desse modo o indivíduo encontre meios para restaurar seu equilíbrio interno.

Com ênfase no aspecto expressivo deslocamos o olhar do objeto produzido para focarmos o artista. Assim, valorizando o processo mais que o produto final dá-se vazão à espontaneidade, a liberdade de expressão de emoções e sentimentos

Verificamos que a utilização da Arte como instrumento expressivo e inclusivo pretende favorecer uma relação de diálogo interno oferecendo oportunidade para a redescoberta da criatividade e o encontro com sua essência não manifesta. Não há interpretação do trabalho, mas uma escuta atenciosa e interessada como também incentivo para que o próprio cliente entrasse em contato com aspectos “esquecidos” de sua personalidade, encontrando assim o sentido em sua expressão.

Não é somente no âmbito da Arte que o ser humano pode exercer seu potencial criativo, mas sem dúvida o fazer artístico deflagra através do símbolo e da criatividade a capacidade de criar respostas inéditas e singulares às mais diversas situações. Desta forma, a interação Arte e Terapia já se coloca como uma possibilidade apropriada à facilitação de processos de autoconhecimento e preservação do equilíbrio psíquico. No teatro podemos conceber a vida como um imenso palco e a nós como personagens que irão interpretar todas as aventuras e desventuras humanas.

Utilizando o teatro como instrumento mediador num processo inclusivo, podemos entrar em contato com conteúdos inimagináveis, porém num ambiente seguro, onde tudo pode ser ressignificado. Ao teatro nenhum tema é estranho, pois ele trata da existência humana, seja em qualquer época, cultura ou lugar.

O teatro é uma forma de expressão que permite a observação atenta de si mesmo na vivência de vários papéis e estimula o exercício da alteridade.

Para a aplicação desta forma de expressão num ambiente inclusivo não há necessidade de grande domínio técnico por parte dos atores/participantes como também não são necessários materiais sofisticados já que o “material” principal do trabalho é o próprio indivíduo.

O Teatro oferece uma experiência capaz de agregar à vida: prazer, alívio, entendimento, alegria e sociabilidade. Permite que sejamos autores de nós mesmos, protagonistas da nossa própria vida.

Levy observa esse aspecto dizendo:

O teatro não é um tribunal (...) não é um hospital onde os sujeitos venham mostrar suas feridas e procurar que profissionais hábeis as curem. A iniciativa, a espontaneidade, as decisões devem surgir todas dos próprios sujeitos” (Moreno, 1975 p. 388).

Destacamos para análise o trabalho de Augusto Boal (1931-2009) que desenvolveu uma inovadora proposta do “fazer teatral” com fins educativos, sociais e terapêuticos.

Teatro De Augusto Boal

Do Teatro do Oprimido ao Arco-íris do Desejo.

Para melhor compreender o Teatro do Oprimido e as vertentes que este trabalho abrange é necessário conhecer um pouco da vida de seu criador, a trajetória de Augusto Boal nos mostra um homem apaixonado pelo Teatro, mas, sobretudo pelo ser humano.

No início de suas pesquisas estéticas o momento histórico fazia com que “as dores do mundo” lhe falassem mais alto e a vida solicitava uma resposta às opressões e injustiças sociais que diretamente marcaram seu corpo.

Augusto Boal nasceu no Rio de Janeiro em 1931, seu pai Sr. José Augusto era padeiro e sua mãe D. Albertina dona de casa. Aos 19 anos mudou-se para NY onde estudou teatro na Universidade de Columbia. Cinco anos depois retorna ao Brasil e passa a integrar o Teatro Arena. Seu interesse e preocupações com questões relacionadas à opressão social aparecem já em seus primeiros textos e montagens, como diretor teatral.

Ao longo dos anos 60 aprofunda sua pesquisa teatral como também reafirma seu envolvimento com movimentos de resistência ao regime de ditadura que se instalava no país. Boal buscava na linguagem teatral uma perspectiva revolucionária que contribuísse para a transformação social numa abordagem democrática.

Em 1971, lança seu livro “Teatro do Oprimido” (numa clara referência e talvez homenagem ao trabalho do educador Paulo Freire) onde sistematiza suas pesquisas na criação de metodologias que agregam ao teatro a ação social. O lançamento deste livro foi fator determinante para o desencadeamento de um processo de perseguição, prisão e tortura por parte do Estado. Neste mesmo ano Boal foi exilado, e no exílio continuou a desenvolver e sistematizar seu método.

Nos anos 80 do século passado, apartado de sua Terra Natal e vivendo o vazio que somente os exilados conhecem é que “a dor das gentes” teve

espaço para se mostrar, ser reconhecida e acolhida. Vivendo na França, Boal passou a observar que em seu trabalho começaram a aparecer outros temas e situações que não se limitavam à dimensão política somente, mas eram de ordem mais subjetivas. Boal verificou que com frequência os grupos lhe traziam questões relacionadas à solidão, incomunicabilidade, angústia, tristeza. Em resposta a esta demanda direcionou sua pesquisa à uma nova vertente: a Terapêutica.

Com apoio de sua esposa, Cecília Boal, psicanalista, desenvolve um método para trabalhar questões subjetivas. Tendo como base os estudos do psicoterapeuta Jacob Lévy Moreno, criador do Psicodrama, Boal desenvolveu técnicas e as sistematizou no livro “O Arco Íris do Desejo” onde expõe e explica o Método Boal de teatro e Terapia entendendo a Arte como veículo de transformação:

*Creio que o teatro deve trazer felicidade, deve ajudar-nos a conhecermos melhor a nós mesmos e ao nosso tempo. O nosso desejo é o de conhecer melhor o mundo que habitamos para que possamos transformá-lo da melhor maneira
(BOAL, 2009, p. 6).*

Para Boal a teatralidade é própria do ser humano e tornar-se consciente desta condição pode favorecer um olhar mais aprofundado sobre si mesmo, tornando-o verdadeiro protagonista de sua história. Em seu livro “Jogos para Atores e não Atores” coloca: “Todo mundo age, interpreta. Somos todos atores. Até mesmo os atores! Teatro é algo que existe dentro de cada ser humano” (BOAL,2009).

Assim, delineiam-se os caminhos da arte que de alguma maneira, na minha vida profissional, encontrar com o tema inclusão.

Inclusão -Futuro Para Uma Humanidade Mais Humana

Por Judith Berenstein

A inclusão é um processo complexo e contínuo, que exige novas necessidades e mudanças tanto das pessoas quanto das instituições.

Apesar de muitos esforços de pessoas e organismos diversos, a tal inclusão na realidade ainda está bem distante do conceito.

As escolas preparam materiais adaptados, espaços acessíveis, educadores medianamente treinados, alguns imbuídos de um desejo verdadeiro de incluir. As empresas se propõem a colocar em seus quadros de colaboradores, pessoas com deficiência, se preparam para isso, criam processos internos. Os órgãos governamentais fazem leis e campanhas que normatizam a inclusão de pessoas com deficiência. Então porque com todo esse empenho, a inclusão de fato não ocorre?

O que falta para aquele Ser que é diferente, como somos todos, se sentir fazendo parte de uma comunidade escolar, de uma empresa, de um grupo social?

O que verdadeiramente importa e faz a diferença para que aquele Ser se sinta feliz e pertencente?

O entorno !!! Onde está a comunidade, as famílias que compõe a sociedade? A família típica que não se dá conta de que seu filho típico, por ignorância, padrões repetitivos de modelos arcaicos, pratica a exclusão. O jovem que não chama para uma balada, aquele adolescente que é atípico.

Antes dos anos 2000 conviver com uma criança ou jovem com deficiência na escola era mais raro. Existiam “centros educacionais” específicos para essas crianças e jovens, porém a partir desta época iniciou-se uma ação afirmativa de inclusão, para fazer valer a Lei 8213/1991 conhecida como Lei de Cotas, que orientava a inclusão de pessoas com deficiência em empresas. No início desta ação o que se constatou é que existia um número pequeno de profissionais habilitados, pois a maioria não tinha tido

acesso à educação de qualidade. Nesta época começou a evolução da inclusão, a exclusão começou a ter visibilidade.

A partir daí outras leis surgiram e o estatuto da Pessoa com Deficiência foi instituído em 2015.

Estamos falando de quase 25 anos que esse movimento iniciou e ainda encontramos tantos casos de exclusão e preconceito em todos os âmbitos sociais. As pessoas, desde crianças simplesmente não aprenderam a conviver, aceitar e incluir o diferente.

Nós enquanto pais estamos tão imbuídos em “criar filhos que deem certo” em uma sociedade que visivelmente está dando errado, pois repete padrões que não funcionam mais.

Quantos ensinamentos os pais de filho típico oferecem sobre a inclusão, sobre o diferente, sobre a diversidade para seus filhos? No ano passado? Na semana passada? Ontem?

Quantas vezes seu filho típico observou você se relacionar com uma pessoa atípica da mesma forma que se relaciona com uma pessoa típica?

Você se relaciona da mesma forma? Com o mesmo respeito, empatia e naturalidade?

A inclusão verdadeira na escola, no trabalho, na sociedade começa em casa. Quando nós adultos normalizarmos a diversidade, poderemos dizer que somos uma sociedade mais madura, inclusiva e justa.

Enquanto nas escolas os alunos atípicos fiquem sozinhos nos recreios, não sejam convidados para os passeios ou aniversários, façam trabalhos sozinhos ou nas empresas são incluídos em funções mais básicas e que não exigem e não possibilitam crescimento profissional ou visibilidade, não há inclusão, estamos falhando como humanidade.

Continuamos repetindo o que fazemos bem como sociedade que é fingir que estamos indo bem!

Com as famílias que tem filhos em idade escolar essas cenas são bem corriqueiras.

- Mãe, por que o Joãozinho não me convidou para a festa dele, ele deu convite para todo mundo da sala?

(Pedro 6 anos)

- Fiz o trabalho sozinha, ninguém quis fazer comigo, falam que eu sou lenta.

(Roberta, 13 anos)

- Mãe, ninguém quer ficar comigo no recreio, mas não se preocupe, eu fico no celular (quando isso é permitido) Afinal a tela não exclui.

(Ricardo 14 anos)

- Meu amigo me disse que não sabe como eu estou na escola, porque eu não sei nada.

(Carla 8 anos)

Essas falas são verdadeiras e cotidianas nessas famílias, sem falar nas agressões físicas, xingamentos e outras situações que acontecem.

Falas do mundo corporativo.

- Vamos abrir uma vaga para PCD porque senão tem a multa, ou vamos ser notificados.

(O ministério do trabalho fiscaliza as empresas que não tem PCDs).

- Ele está naquela função, mas você dá uma checada no trabalho que ele faz ?

- Será que as pessoas da seção vão conseguir trabalhar com ele(a)?

- A promoção vai para outro funcionário, já imaginou ter um líder PCD?

(líder de alguma área)

Todas essas cenas nas instituições educacionais e nas corporações são bastante comuns e são esses mesmos lugares que dizem que fazem a inclusão.

Essas exclusões acontecem diariamente nas escolas e nas empresas e na vida em sociedade e são feitas por você, pelos seus filhos, por

seus amigos. Você sabia?

Em cada ato de exclusão na escola, você pai/mãe de um filho típico está presente pela sua ausência. Na empresa quando ouve seu líder ou colega de trabalho se referir pejorativamente ou mesmo duvidando da capacidade de um PCD e não faz nada, se torna responsável pela exclusão da mesma forma.

Então não vamos continuar nos iludindo com relação à inclusão, se de fato esse tema incomoda tanto.

Então que inclusão é possível?

Acreditamos que existe potência em cada indivíduo e cada um de nós é diferente, tem sua forma, seu modo de pensar, falar, agir e que é possível estarmos no mundo todos juntos.

E de verdade a inclusão vem de casa, do berço. E quando não vem? Nós acreditamos que falar sobre as diferenças, as deficiências, as potências, mostrar para o mundo que todos contribuem de alguma forma e que também têm direito de participar desta sociedade igualmente é a forma de fazer a inclusão, até que não seja mais necessário existir esse conceito.

Vamos conversar um pouco sobre nossos processos de montagem? Importante saber como eles se deram na inclusão através da arte, especificamente no processo teatral.

Nossos Processos De Montagem

Romeu e Julieta /Amores Juvenis

O grupo contava com dezoito pessoas com deficiência intelectual e \ ou neuro divergentes e se apresentava bastante diverso em relação ao nível de suporte e comunicação.

Iniciei o trabalho a partir de jogos físicos onde observava a disponibilidade corporal de cada integrante, ao longo do trabalho percebi o interesse do grupo em realizar uma montagem teatral, os jovens diziam “queremos apresentar para o meu pai, para minha mãe e para o meu amigo” demonstravam sentir necessidade de experienciar a relação público e ator. A partir desse interesse comecei a adaptar jogos teatrais de Viola Spolin e Augusto Boal para que o grupo se apropriasse da linguagem teatral.

No momento em que decidimos realizar uma montagem perguntei ao grupo sobre qual assunto gostariam de falar. Um a um respondeu e dessa enquete surgiram quatro grandes temas: amor, amor impossível, aventura e morte.

Optei por não criarmos uma dramaturgia original e busquei textos que pudessem compor com os anseios do grupo.

Qual texto poderia abarcar de modo mais primoroso os temas apontados senão um clássico: Romeu e Julieta.

Para criação de conteúdo em relação à construção dos personagens e levantamento das cenas, criamos um diário de bordo coletivo onde os jovens traziam a cada semana elementos que para eles tinham a ver com o tema: paixão, amores impossíveis, primeiro amor, loucuras de amor. E assim, diante dos nossos olhos um imenso painel de imagens, cores, palavras, embalagens, músicas, sentimentos, histórias e percepções foi se criando e a partir dele fomos montando uma adaptação do grande clássico ao qual demos o nome de Romeu e Julieta: Amores Juvenis. Fato curioso é que no momento da escolha dos personagens houve uma inquietação no grupo pois todas as jovens queriam ser Julieta e todos os rapazes queriam ser Romeu.

O protagonismo realmente é algo sedutor, expliquei que uma história depende de muitos personagens e de muitas atuações e que todas elas contribuem para o desenvolvimento e desfecho da história, mas senti uma grande frustração no grupo, pois percebi que o desejo de ter a oportunidade de desempenhar tais papéis era muito forte em cada um, então decidi que todos teriam um momento na peça para experienciar os personagens principais e também ocupariam outros papéis tendo assim 2 ou 3 papéis cada jovem, porém essa decisão demandou muito trabalho, pois a construção de um personagem já demanda grande empenho e os jovens logo num primeiro experimento tiveram que assumir mais de um papel, porém a satisfação por ter sido contemplado para realizar o personagem principal fez com que se dedicassem ainda mais a esse desafio.

Ao longo do trabalho percebi que necessitava de outros profissionais, atores e atrizes que pudessem fazer a mediação das cenas para proporcionar segurança, permitir e proporcionar um ambiente onde os jovens pudessem se expressar no máximo de sua potencialidade.

Convidei então alguns amigos: atores e atrizes muito talentosos, porém nenhum deles tinha alguma experiência com este público. Para este primeiro trabalho foram convidados: um ator, três atrizes e ainda contei com dois professores de outras áreas que já estavam trabalhando no projeto como suporte, todos entraram em cena para a mediação.

Durante os ensaios percebi que o ambiente da coxia por ser mais escuro, menos espaçoso, de muita expectativa, um ambiente onde é necessário o silêncio era muito desafiador para os jovens, decidi então que todos estariam em cena durante toda a peça. Montamos uma estrutura que pudesse cenicamente compor essa configuração permitindo que todos os personagens estivessem em cena ao mesmo tempo e pudessem aguardar o momento de suas cenas.

Dessa forma, garantimos maior segurança, menos ansiedade mais participação e foco de todos os envolvidos. Toda estrutura cênica: som, luz, figurino foram adaptados às percepções e sensibilidade que o grupo apresenta. Pessoas neuro divergentes podem apresentar maior sensibilidade; mudanças muito bruscas de luz ou luzes que piscam podem ser um gatilho

para crises assim como o som muito alto ou adereços que lhes causem incômodo. Dessa forma, os figurinos foram realizados em malha, roupas que estavam mais acostumados a usar. Os figurinos foram confeccionados pelo próprio grupo, experimentamos calçados e adereços de cabeça que pudessem ser confortáveis.

Os ensaios transcorreram de modo fluido com todos envolvidos, porém havia muita expectativa de como seria um encontro com o público, uma apresentação sempre causa ansiedade, fiquei apreensiva com os impactos que poderiam causar no grupo a presença da assistência. Foram realizadas algumas reuniões com a coordenadora para definir se realizaríamos um espetáculo aberto ao público ou mais fechado somente para parentes. Para que o grupo pudesse experienciar esse momento realizamos um ensaio aberto no mesmo espaço em que ensaiavam e convidamos alguns amigos e alguns parentes para assistir. Essa primeira experiência foi absolutamente prazerosa para os jovens que sentiram e entenderam o que é entregar um espetáculo para o público. Todos demonstraram felicidade em poder realizar o trabalho em que estavam empenhados há oito meses. Foram realizadas duas sessões para o público maior, porém decidimos que deveria ser feito no espaço da organização.



***Apresentação Romeu e Julieta / Amores Juvenis
Projeto Flor da Vida -2018***

Os Clowns Desejados

Desde meus primeiros contatos com o teatro ainda nos anos 1980 me identifiquei com trabalho de clowns. Meu primeiro contato com esse estudo foi na antiga oficina Cultural Amacio Mazzaropi em São Paulo com a atriz Cida Almeida: grande mestra na arte da busca por nosso Clown, assim nasceu Nina, a palhaça que sou e me acompanha, a esse primeiro contato se seguiram cursos com Bete Dorgam, atriz e diretora teatral. No ano de 2019 mais uma vez tive oportunidade de realizar um workshop na Casa 11 com André Casaca teatro C'art o que me despertou a vontade de oferecer aos jovens do grupo um treinamento adaptado nessa linguagem. O clown é uma persona, um personagem criado a partir das características próprias, torna-se único, um estado de ser, arrisco considerar que podemos dizer: "Eu estou Nina".

Para essa criação a investigação sobre si mesmo é fundamental e de cada um emergem características surpreendentes, sempre relacionadas à personalidade do criador.

Observei que tal trabalho poderia ser um instrumento valioso para promover o autoconhecimento para os alunos de uma forma lúdica e generosa. O clown possui muitos pontos de contato com a realidade vivida por essas pessoas: o clown se apresenta ao mundo com simplicidade, expressa o mais autêntico em nós sem julgamentos, o clown é espontâneo, verdadeiro. Encontrar essas características em nosso público não é tarefa difícil, sua singeleza é tocante e encantadora.

Logo nos primeiros exercícios o ambiente lúdico se instalou e lembrei que o riso é um potente caminho de transformação, desperta nossa criança para criar com liberdade, sem julgamentos.

Nos meses que se seguiram cada participante foi criando seu clown a partir de percepções de suas características pessoais, potências, imperfeições, aversões e preferências.

Cada um identificou e "colocou uma lente de aumento" em características pessoais que poderiam compor esse novo ser.

Os resultados foram surpreendentes, presenciamos o nascimento de verdadeiras entidades ou identidades cômicas: Fabidono - o mandão,

Raquelita – a felicidade transbordante, Leleco – o palhaço sonhador, Archie Von Grant- o observador, Caroline – o sorriso radiante e muitos outros. Enfim, todos os jovens encontraram, buscando na sua essência o material mais genuíno para fazer eclodir seu clown.

Enfim , chegou o grande dia do “Batismo dos Clowns”, ocasião em que um palhaço já experiente presenteia o novo palhaço com o nariz vermelho.



Batizado dos Clowns - 2019

Foi realmente um momento mágico de muita emoção, ver os jovens tão envolvidos e entregues àquela celebração me fez ver o quão profundo pode ser um trabalho de expressão artística trazendo mais sentido e significado à vida.

A montagem de um espetáculo de clown nos remeteu imediatamente a um ambiente circense e nesse ano escolhemos criar uma dramaturgia própria que abarcasse todo o processo que vivenciamos.

“Os Clowns Desejados” foi um espetáculo construído a muitas mãos

onde os jovens tiveram maior participação em todas as etapas da montagem: dramaturgia, construção de cenas, criação de figurinos etc.

Decidimos que era o momento de levar nosso trabalho ao grande público e em parceria com a prefeitura municipal agendamos uma data para apresentação da peça. Na apresentação abraçamos o público presenteadando cada espectador com a marca do clown, o nariz vermelho: a menor máscara do mundo, brindando a todos com nossa alegria e arte.

Dessa vez, investimos num formato mais profissional agregando profissionais para a área técnica como som e luz.

O espetáculo foi apresentado no dia 21 de novembro de 2019 com um público de 300 pessoas, um número bem maior do que em nossa primeira apresentação.



Foto Ricardinho de Paula

**Os Clowns Desejados – Projeto Flor da Vida
2019**



Foto Ricardinho de Paula

***Os Clowns Desejados – Projeto Flor da Vida
2019***

Em 2020, tudo mudaria, o mundo ficaria mais triste, mas de uma outra forma continuamos.

Tudo Mudou

Nesses dois primeiros anos trabalhando com um grupo, ainda não éramos um coletivo e eu estava como professora de expressão artística dentro do projeto chamado Flor da vida. Ao final de 2019 eu havia decidido me afastar por um tempo desse trabalho e investir na minha carreira de diretora e atriz de teatro profissional, porém o projeto também se extinguiu e por incentivo das mães e responsáveis dos jovens decidi criar meu próprio grupo de teatro inclusivo. Nesse ínterim, aconteceu algo que julguei ser absolutamente sincrônico, reencontrei como que por acaso uma amiga com a qual havia trabalhado há anos na Fundação Casa, Judith Berenstein,

psicóloga com vasta experiência em inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho, cujo texto, vocês já puderam apreciar nas páginas pregressas.

Desse encontro a ideia da formação de um grupo de teatro se expandiu para a criação de um coletivo com a missão de promover a inclusão social e profissional de pessoas com deficiência por meio da Arte. Ainda sem um nome estabelecido no início do ano de 2020 realizamos uma reunião com um grupo de mães responsáveis para definir quais seriam os objetivos, propósitos e estrutura deste novo trabalho, porém no mês em que iríamos iniciar as atividades fomos atropelados pela pandemia do COVID-19.

Lembro-me claramente que no dia da primeira reunião ainda não tínhamos informação precisa sobre a magnitude da pandemia e ao me despedir das mães eu disse: teremos que ficar uns dias em casa, nos vemos daqui duas semanas; na verdade só fomos nos reencontrar como grupo de forma presencial dois anos depois.

O evento da pandemia fez com que tivéssemos que definir se iríamos iniciar o trabalho num momento de tantas incertezas: on-line ou iríamos interromper os encontros até que tudo pudesse se restabelecer, porém ao perceber que a pandemia seria algo com que teríamos que lidar por um longo tempo e neste período os jovens ficariam sem atividade, pois estavam submetidos ao isolamento social. concluímos que sim, tínhamos um propósito e um compromisso com esses jovens, assim, no momento mais turbulento de nossas vidas foi criado o coletivo Fazendo Arte fazendo Parte. Reestruturamos o trabalho para realizar um atendimento on-line.

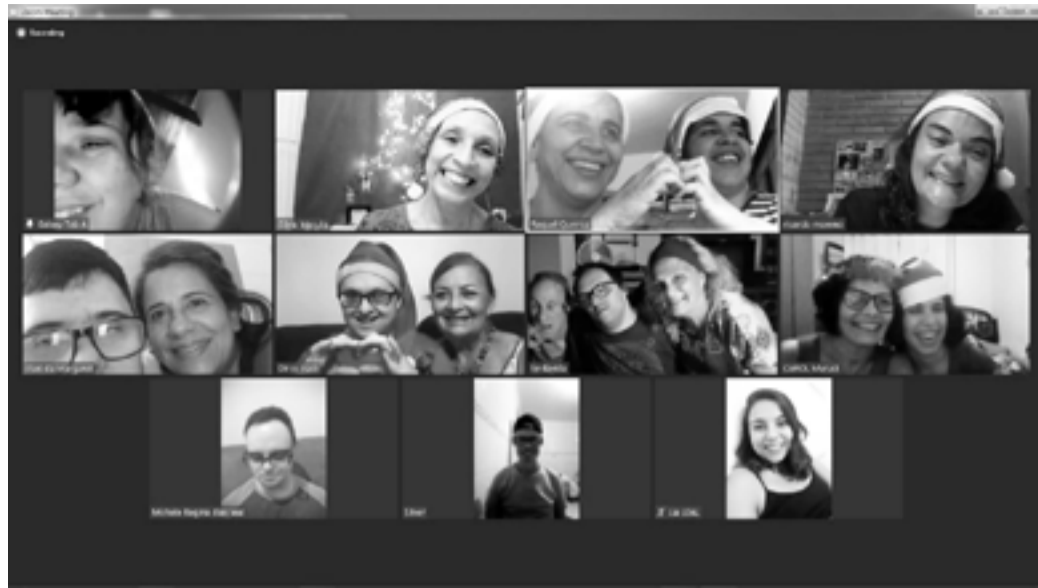
Apesar de nunca ter tido contato com esse tipo de linguagem comecei a pesquisar e a desenvolver aulas semanais (ao vivo) de uma hora de duração.



Aula on line -2020

Para esse intento convidei a atriz Flávia Moreno que já havia participado do espetáculo anterior, criamos diversas atividades: jogos, brincadeiras, algo que fosse leve, interessante e que os jovens pudessem acompanhar sem necessitar de muita estrutura ou materiais.

Durante quase dois anos estabelecemos contatos com esse grupo e recebemos inclusões de jovens de outras cidades e outros países que estavam ávidos por alguma atividade nesse período tão desafiador que o mundo inteiro passou.



Aulas on line -2020

Entrei em contato com colegas que trabalham com o audiovisual para aprimorar o trabalho e obter algum domínio nessa nova linguagem.



Aulas on line /Print Cynthia Barros- 2020

Nesse período aprendemos muito e acabamos por nos apaixonar pelo audiovisual. Foram realizados três curtas metragens: *A Época do Circo Alado* com imagens captadas pelos responsáveis em seus próprios ambientes *A História do Lobisomem e da Lobismulher* com imagens captadas por mim em encontros controlados por todos os protocolos de segurança disponíveis durante a pandemia e “Dias Normais” gravado com uma aluna, sua mãe , com minha participação e de Judith Berenstein em filmagens individuais observando todos os protocolos de saúde.

Esses anos foram desafiadores para todas as pessoas de todas as profissões, porém para os artistas que trabalham essencialmente com a presença foi devastador, pois de uma hora para outra ficamos sem nosso sustento.

Como apoio para esses profissionais foram lançados alguns editais por meio da Lei Aldir Blanc. Felizmente fomos contemplados com um edital e a essa altura já estávamos encantados pelo audiovisual pela experiência que tivemos durante a pandemia e decidimos realizar um curta metragem com um tratamento mais profissional e aprimorado.

A pandemia ainda era uma realidade e tivemos que criar um ambiente que cumprisse as medidas de proteção sanitária para a realização das gravações.

Para essa empreitada contamos com a Mariana Loureiro como colaboradora na criação do roteiro, Flávia Moreno como assistente de direção e a participação impecável e amorosa da Bravo Bird Produções, neste trabalho a atuação de Rodrigo Domingues produtor de arte e fotografia e de Taciane Christensen na produção foram fundamentais para realização do filme.

Gravamos cena a cena com apenas um jovem por vez ou no máximo dois jovens que já conviviam, higienizando todos os materiais a cada mudança de cena, com máscaras e todo aparato de proteção.

Os bastidores de *Por Onde Transborda o Afeto* são momentos que ficarão marcados em nossa memória e coração pelo empenho de todos os envolvidos dedicando seu tempo, trabalho e energia num momento delicado, de tantas incertezas, perdas e angústia para todos nós.

Mais uma vez a Arte nos salvou a todos, orientadores, profissionais , jovens e familiares nos proporcionando momentos de paz , esperança e alegria em meio a tanta dor e medo.

Por Onde Transborda o Afeto é um filme sobre a simplicidade da vida, da beleza leveza do encontro. Um filme feito de resiliência e fé no que de melhor o ser humano pode expressar.



Fotos Taciane Christensen

**Filmagem de *Por Onde Transborda o Afeto*
2021**





Fotos Taciane Christensen



**Filmagem de Por Onde Transborda o Afeto
-2021**



Foto Taciane Christensen

**Filmagem de Por Onde Transborda o Afeto
-2021**

A força da presença

Em 2022 retomamos nossos encontros presenciais. Nesse retorno percebemos os efeitos que o isolamento causou nos jovens: muitos apresentavam receio em se tocar ou mesmo conversar, alguns não queriam ficar sem a máscara, por medo do contágio e apresentavam um comportamento autocentrado solicitando atenção exclusiva.



Volta das Aulas Presenciais - 2022



Volta das Aulas Presenciais - 2022

Nesse ano fomos contemplados com o edital da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo: Programa de Qualificação em Artes e recebemos uma orientadora, Rhena de Faria para agregar recursos técnicos ao nosso trabalho.

Aos poucos fomos retomando a rotina , os jovens se sentindo mais seguros e pudemos observar o valor e a força da presença para a recuperação da nossa saúde emocional.

Perguntamos ao grupo qual tema gostariam de trabalhar nessa retomada e todos demonstraram a alegria de poder ir e vir em liberdade sem preocupação, o tema escolhido foi : viagem.

Discutimos com o grupo todos os tipos de viagens, meios de transporte: avião, ônibus, carro, bicicleta, barco ; locais: montanha, praia ,metrópoles, interior, casa de parentes, amigos, pousada, hotéis etc.

Dessa forma, achamos que o mais apropriado seria construir com os jovens uma dramaturgia própria onde cada um criasse seu personagem e uma situação cênica. Assim surgiu “Uma viagem de Aventuras”.

Sinopse:

Num dia comum no aeroporto por conta do mau tempo os voos estão atrasados, enquanto esperam os personagens passam por situações inusitadas, malas trocadas, Encontros e Desencontros! Ao final as malas são reencontradas o tempo volta a ficar bom e o voo acontece.

Durante todo processo tivemos o acompanhamento da orientadora Rhena que nos apoiou na construção da dramaturgia, no alinhavo das cenas e produção de áudio.

Nessa montagem incorporamos recursos audiovisuais para compor cenários e mais uma vez utilizamos a estratégia de colocar todos os alunos em cena, sem utilizarmos a coxia.



***Apresentação de Uma Viagem de Aventuras
-2022***



***Apresentação de Uma Viagem de Aventuras
-2022***

Nosso objetivo com essa montagem era iniciar um processo de formação de uma trupe de teatro realizando breves temporadas de apresentações e criar um produto imaterial como uma fonte de geração de renda para os jovens e captação de recursos para o coletivo, porém observamos que para tanto seria necessário maior amadurecimento do grupo em relação a essa proposta e de todos os envolvidos: responsáveis, artistas mediadores, enfim todo coletivo.

Mesmo assim um pequeno movimento foi iniciado com a realização de três apresentações sendo uma em Atibaia e duas na cidade de Bragança Paulista.

Em 2022 passaríamos por mais algumas mudanças. Vamos a elas!

Fazendo Arte fazendo Parte: o canal!

Desde o início do trabalho atuei como coordenadora geral e diretora de teatro do coletivo, porém nesse ano de 2022 pensamos em oferecer aos jovens uma experiência com outra profissional que certamente traria novas referências. Convidamos a atriz/mediadora Flávia Moreno que já havia demonstrado interesse em trabalhar com o grupo explorando os

talentos de cada um para compor uma encenação. Ao longo das atividades a mediadora realizou junto com os jovens um levantamento das habilidades que gostariam de desenvolver e apresentar, foi criado assim um show de talentos com a figura lendária do Chacrinha apresentando os participantes.

Nesse ano foi alugado um espaço para apresentação e empreendemos a venda de ingressos para custear a produção.



***Apresentação Fazendo Arte Fazendo Parte
O Canal 2023***

Dessas duas últimas montagens resultou um número musical muito interessante que foi apresentado em mais outras três ocasiões tornando-se parte do nosso repertório teatral.



***Apresentação de Número Musical
“No aeroporto” 2023***



***Apresentação de Número Musical
"No aeroporto" 2023***

Nesse mesmo ano fomos contemplados pelo edital Futuro Bem Maior que visa apoiar as organizações na melhoria de sua gestão com apoio financeiro e estratégico. A participação nesse edital nos impulsionou a profissionalizar nossa organização nos tornando uma OSC – (Organização da Sociedade Civil sem fins lucrativos).

Esse foi um grande passo para nosso projeto, novas responsabilidades, sonhos. O acompanhamento do MBM (Movimento Bem Maior) foi fundamental para reafirmar nosso compromisso em garantir direitos sociais e culturais a serviço da dignidade humana, promovendo a inclusão.

No decorrer deste ano com todo aprendizado que tivemos nesse programa, concretizamos um sonho de ter uma sede e reafirmamos a necessidade de profissionalizar o nosso coletivo, transformando em uma OSC.

Histórias Inspiradoras

Monalisa

M. é uma mulher de 52 anos moradora na Residência Inclusiva do Município (equipamento que abriga pessoas em vulnerabilidade social e pessoal) começou a frequentar o grupo de teatro por indicação das assistentes sociais e psicóloga do equipamento. M. apresenta um quadro depressivo. No início se mostrava alheia; com poucos minutos de atividade já pedia para sair, aos poucos permanecia até o final da atividade, porém somente como ouvinte, resistia a participar tanto das atividades individuais quanto em grupo.

Após alguns encontros percebemos que um vínculo, ainda que frágil se estabelecia, pois apesar de não participar ativamente dos exercícios M. insistia em vir para a atividade e declarava vontade em retornar. No período que se seguiu, algumas intercorrências afetaram a frequência dos participantes: falta de transporte para trazê-los ao Instituto, mudança na gerência do equipamento, enfermidades e mudança de medicação dos atendidos. Para garantir a continuidade do trabalho começamos a desenvolver as atividades no próprio equipamento, mas enfrentamos dificuldades pela falta de um local adequado e equipamentos como também interferência de outros residentes nos encontros.

No entanto, conseguimos uma maior aproximação com M., pois permanecíamos um tempo maior na residência acompanhando algumas atividades diárias dos residentes. M. fez questão de nos mostrar seu quarto, seus pertences e dessa forma estreitamos e fortalecemos vínculos.

Quando demos início ao trabalho de montagem de cenas breves, M. se prontificou a participar de uma improvisação, sua performance foi elogiada pelo grupo e sua cena tornou-se o tema da peça que foi desenvolvida pelo grupo.

Mesmo apresentando instabilidade comportamental e emocional em virtude de seu diagnóstico e mudança de medicação, M. se tornou a protagonista da peça (Monalisa) a ser encenada, tendo esse protagonismo

sido validado por seus colegas num gesto de empatia e acolhimento, tal movimento dentro do grupo propiciou melhor interação e motivação a todos ainda que situações adversas ainda se apresentem.(foto 25,26) legenda o roubo da Monalisa-peça teatral



O roubo da Monalisa - Peça teatral



O roubo da Monalisa - Peça teatral

Amor das nossas vidas daqui até a eternidade

Quando Lulu, entrou no projeto eu já a conhecia de vista, pois sua irmã Ana a levava para todos os lugares. Lúcia Helena era uma mulher com down de 44 anos na época.

No início dos anos 1998 a mãe de Lulu faleceu e sua irmã, Ana Regina passou a ser sua tutora e cuidadora. No período da pandemia, conversando com Ana ela me disse que “guardava a Lulu num potinho” por medo que ela contraísse covid-19 mas, sentia que sua irmã ficava muito triste por não poder sair de casa, então Lulu passou a frequentar o projeto online.

Era uma alegria vê-la dançar, desenhar, cantar, mostrar que estava feliz mesmo nesse espaço virtual. Em 2021 antes que voltássemos aos encontros presenciais, Ana veio a falecer de modo súbito e inesperado

Um grupo de amigos se reuniu para que Lulu fosse amparada e cuidada. No primeiro ano que se seguiu foi morar com um casal de amigos, Ney e Cláudio, depois em 2022 passou a viver com Bruno, seu sobrinho, a esposa Flavia e a sobrinha neta, Helena.

Às sextas feiras uma outra amiga Cynthia a levava para os encontros de teatro, agora presenciais.

Lulu era uma explosão de alegria e de expressividade, iluminava a sala quando chegava, era amada por todos os colegas, embora não tivesse uma verbalização fluida não tinha papas na língua e quando gostava ou desgostava de algo se fazia entender perfeitamente.

Em 2022 encantou a todos com sua personagem Constance, participando da peça *Uma Viagem de Aventuras*.

Em julho de 2023 adoeceu, nesse período ao grupo de amigos que já apoiavam Lulu se somaram outras pessoas que se revezavam para lhe fazer companhia no hospital, em julho desse mesmo ano Lulu faleceu.

Sua história nos inspira por sua amorosidade, vontade de viver, sua alegria e resiliência, por ter tido o dom de agregar em torno de si tanto amor, amizade e empatia. Os laços criados a partir da sua presença se fortaleceram e se aprimoram entre as pessoas que tiveram o privilégio de conviver com Lulu, mesmo depois de sua partida.

Lulu será em nossas vidas um amor eterno, seu narizinho franzido quando algo lhe desagradava e seu abraço apertado e quente estarão sempre presentes em nossa memória.

Nas conversas que tenho com mães, pais e cuidadores de pessoas com deficiência, observo que um de seus maiores receios é como será a vida dessas pessoas na falta de seus cuidadores.

Para trazer um alento e dizer que a vida muitas vezes pode nos surpreender com desfechos absolutamente amorosos e inesperados, transcrevo um relato sobre a rotina da Lulu realizado por seu amigo e cuidador Nei.

Morou com o Nei, o Cláudio e a Gigi de abril de 2021 a julho de 2022 (quando recebeu ordem médica para acompanhamento durante as refeições para comer devagar e não engasgar).

Morou com o Bruno (sobrinho) a esposa Flávia e a sobrinha neta Helena de agosto de 2022 a junho de 2023 (deu entrada na UTI do hospital Novo Atibaia em junho de 2023 e faleceu em julho de 2023).

Adorava a minha casa e mimava a cachorrinha Gigi. Acordava cantolando, ligava o som, arrumava a cama, tomava um banho demorado e ia toda cheirosa para o café da manhã. Depois caminhava pelo jardim, sentava no gramado para admirar o céu e as árvores. A próxima etapa da manhã era dançar e desenhar até chegar o horário do almoço. Na parte da tarde depois de muitos desenhos, pinturas e músicas, ligava a tv e assistia todas as novelas, até o horário do jantar. Me esperava chegar do trabalho para contar as travessuras da Gigi atrás dos passarinhos e mostrar os lindos desenhos. Antes de desligar a luz para dormir, me chamava para dar um beijinho de boa noite. Minha casa nunca foi tão alegre e iluminada.

Interessante, que mesmo antes da Ana falecer, a Lulu sempre desenhava a minha casa, a sala, o jardim os dormitórios...pensando agora, parece que tinha premonição que passaria um tempo conosco lá.

Enfim, fomos muito felizes no tempo que durou...

As tardes das quintas feiras eram com a Kátia Montemor: lanchinhos, jogos, brincadeiras, aulas de caligrafia e passeios.

Às sextas feiras passava com a Cynthia Barros: café da manhã, às vezes aulas de pilates, almoço, traslado para aulas do fazendo arte

fazendo parte, cafezinhos e jantar.

A cada 30 ou 40 dias a Juliana Ono a levava para o dia de princesa no salão do Marcelo César que a presenteava com os cortes de cabelo, tinturas da cor que ela escolhia (vermelho ou castanho) hidratação e massagem.

De 15 em 15 dias a Kátia Montemor cuidava das mãozinhas da princesa e a cada 2 meses a Cynthia a levava na podóloga.

O nome da personagem da Lulu na peça “Uma viagem de aventuras” era senhorita Constance, uma perua rica, sofisticada, “fresca” e muito exigente (risos).

A nossa Lulu faleceu aos 47 anos.



***Lulu como Constance / Personagem Criada
Para a Peça: Uma Viagem de Aventuras - 2022***



Lulu e Seu Grande Amigo Ney.

Por que estou tão feliz?

Uma história que muito nos inspira é a trajetória de um jovem aprendiz participante do projeto desde 2019. A. é um jovem de 30 anos com TEA (Transtorno do Espectro Autista Nível 2 de Suporte).

Quando chegou ao projeto, mostrava-se alheio, quase não interagindo com os colegas ou as mediadoras, expressa-

va de modo quase imperceptível seus sentimentos, sensações, preferências ou desconfortos. Também verbalizava pouco, apenas falava o próprio nome, “sim”, “não” e repetia algumas poucas palavras. Aos poucos, foi demonstrando interesse por desenhos, jogos no computador e música.

Acompanhava com o corpo o ritmo das músicas propostas durante as aulas. Começou a cantar nas atividades com o microfone, e ouvir sua voz amplificada lhe chamava muito a atenção.

No ano de 2022 realizamos uma montagem teatral onde A. participou de uma banda e cantou acompanhado de outros jovens.

Embora demonstrasse notável avanço em sua comunicação e interação, ainda apresentava certa dificuldade em identificar e nomear seus sentimentos e sensações.

Nesse ano de 2024, estamos preparando uma música a ser apresentada em um evento e, por isso, convidamos A. para participar da gravação em estúdio profissional. O convite foi aceito prontamente e, durante sua permanência no local, ele sorriu, conversou um pouco e interagiu com o músico; demonstrou estar alegre e à vontade.

No caminho de volta, A. ficou calado.

Indagado sobre o motivo de tal silêncio, A. esperou um tempo e respondeu: “Por que estou tão feliz?” Não sabemos ao certo se essa frase foi uma pergunta ou uma afirmação, de qualquer forma respondemos que talvez fosse porque estava fazendo algo que gostasse muito.

Em seguida, perguntamos: “Como fica seu corpo quando está feliz?”.

De forma que respondeu: “Relaxado.”

Concluimos a conversa com um incentivo: “Então perceba e aproveite!”



Alef – Apresentação no Evento Todos Por um propósito Fazenda Talismã - 2023



**Alef – Estúdio de Gravação L.C Produções
2023**

Com (tato) e delicadeza

B. é uma jovem de vinte anos com TEA, não verbal e nível 3 de apoio. Seus pais faleceram quando ela tinha dez anos, e sua avó, a senhora Rosana, tornou-se sua cuidadora.

Motivada a proporcionar a B. atividades que pudessem ajudá-la a interagir e se desenvolver, Rosana enfrentou dificuldades devido à agressividade de B., que se manifestava tanto contra si mesma quanto contra os outros.

Isso impedia sua inclusão em escolas e associações.

Nos últimos anos, várias tentativas de inclusão foram feitas, mas sem sucesso. Quando a senhora Rosana nos procurou, ficamos receosos, pois não tínhamos certeza se poderíamos atender às necessidades de B. e do grupo já formado. Propusemos uma adaptação gradual, aumentando o tempo de permanência de B. nas atividades à medida que ela se acostumava com o grupo e vice-versa. Houve momentos de tensão e desânimo, mas também de alegria e conquistas.

Hoje, seis meses após o primeiro contato, B. participa de duas oficinas: música e artes visuais. Conseguimos estabelecer algum contato e identificar expressões de bem-estar e mal-estar em B. Ela ainda requer muita atenção e cuidado, mas está vencendo o desafio de conviver e expressar seus sentimentos dia após dia.

É importante ressaltar o compromisso da equipe em acolher o desafio, criando formas únicas de contato e mediação para que todos no grupo se sintam bem.

O progresso de B. comprova a dedicação e a adaptabilidade da equipe do Instituto Fazendo Arte Fazendo Parte em proporcionar um ambiente acolhedor aos seus beneficiários.(foto 28)



Beatriz em Aula com a Mediadora Júliaem Artes Visuais - 2024

Leleco

Leleco foi o nome escolhido para batizar o clown de L. um jovem de 30 anos com deficiência intelectual. L. começou a participar do grupo em 2019, não vinha em todas as aulas, pois morava em São Paulo e só frequentava as aulas quando passava um tempo na casa de seu irmão. Seu sonho era se alfabetizar e ser ator como seu irmão. Nesse ano estávamos experimentando um processo de pantomima e criação de clowns, todos se empenharam na pesquisa de características próprias e na construção de um persona.

L. inicialmente mostrava-se entusiasmado com todo processo , porém seu tempo de atenção era pequeno , às vezes não conseguindo cumprir uma sequência de ações. Aos poucos observamos que L. foi ganhando confiança em si, aumentando seu tempo de atenção e demonstrando desenvolvimento cognitivo, nos surpreendeu quando escolheu o nome Leleco para seu clown, pois deriva de seu nome e caia como uma luva na persona que criou. Um palhaço amoroso, gentil, divertido, sempre disponível a ajudar.

Sua felicidade em participar do espetáculo era visível e contagiava a todos.

No dia da apresentação brincou com as crianças e adultos da plateia com espontaneidade e pureza de um verdadeiro clown.

Ao final do espetáculo ao abraçar seu irmão que também fazia parte da peça disse: “Agora eu sou como você”. “Também sou ator.”

L. estava transbordando de alegria.

No ano que se seguiu , fomos todos afetados pela pandemia e por falta de recursos técnicos, L .não pode participar das aulas on-line; nosso meio de continuar as aulas.

Depois da pandemia, L. não pode retornar para o grupo, pois passou a morar definitivamente em São Paulo, porém continuamos nosso contato por mensagens e vídeos que os amigos do projeto enviavam pra ele.

Infelizmente em 2022, acometido por uma grave doença, L. veio a falecer.

O grupo se sensibilizou muito com a perda do amigo e foi um momento em que elaboramos coletivamente a tristeza, a perda, o luto.

Transcrevo abaixo uma mensagem que enviei para Rhena de Faria , nossa orientadora artística à época.

“Bom dia, Rhena escrevo para compartilhar com você os últimos acontecimentos. Tivemos uma semana difícilíssima com o G. internado na UTI e um outro ex-aluno nosso muito amigo do grupo faleceu. Eu não sabia nem como começar a aula, então a Isa disse que queria falar da morte do L.. Conversamos que cada pessoa talvez, tenha um tempo pra ficar aqui e depois que esse tempo acaba ela se vai. A Raquel cobriu o rosto e perguntou se ele foi para o céu dos palhaços, eu claro respondi que sim. Combinamos de fazer uma peça bem legal pra ele poder assistir de lá. Temos que caprichar. Sigamos. Beijo”.



*Leandrinho no Dia da Apresentação dos Clowns Desejados
2019*



Leandro e Seu Irmão.

Depoimentos

Lulu

Bem no meio da pandemia, a Lulu, uma mulher down de 45 anos, perdeu a irmã e tutora, e nós, quatro amigos, nos organizamos junto com o sobrinho e esposa para tentar suprir essa nova realidade dela.

O Fazendo Arte Fazendo Parte ajudou muito nesse momento tão delicado.

No início com aulas on-line, os profissionais com muita paciência e criatividade se desdobravam para atrair a atenção dos jovens e mesmo de longe manter os exercícios teatrais. Pudemos acompanhar momentos maravilhosos de muita alegria, concentração e comprometimento por parte dela. Sempre fazia tudo o que lhe era pedido e quando acostumou um pouco mais com os encontros on-line, foi capaz de se desenvolver e estreitar laços mesmo estando longe.

Quando a câmera era ligada, ela já ia procurando seus novos amigos, mas a primeira a ser percebida, era sempre a Silvia, professora e idealizadora do projeto, e ela ficava muito feliz e mesmo em meio a uma explicação falava oi e queria mandar beijo. Com a frequência dos encontros começou a entender um pouco melhor a passagem do tempo, tendo mais uma referência na semana.

Mas, foi quando puderam se reunir presencialmente de novo que a mágica realmente se fez. Pudemos ver uma transformação ocorrendo. Uma vontade de ser mais independente, uma força maior no querer e suas vontades. Vimos um amadurecimento em suas ações e uma vontade de ser melhor.

No projeto ela teve a comemoração de um dos melhores aniversários da vida dela, uma Festa Junina, com direito a comidinhas que ela amava e dança com os amigos tão queridos.

Nas férias perguntava todos os dias quando as aulas iam voltar. Pudemos ver crescer o sentimento de pertencimento, e o carinho crescente pelos amigos do projeto.

Se preocupava, perguntava se alguém faltava e não podia ver ninguém de cara triste. Se deliciou em criar os personagens, buscar pelo figurino, os ensaios, suas performances. Ela realmente entrou nos personagens! Adorava se ver na tela e ser o centro das atenções. No projeto ela se sentia, a Artista, a Dançarina, a Atriz, com letra maiúscula é claro. E o palco... Foi com certeza um dos melhores momentos da vida dela. A plateia lotada e no seu mundo mágico, estavam todos lá só por ela. Até pegou no microfone para agradecer a todos, inclusive a Gigi, cachorrinha que ela tanto amou. Temos hoje certeza de que os grandes amores da Lulu eram o desenho e o projeto. Hoje ela não está mais aqui, mas as lembranças desses momentos só alegam nosso coração de saber que ela foi tão feliz nessa família estendida que ela tanto amava. Muito obrigada **Ney, Claudio, Kathia e Cynthia.**



Lulu em Sala de Aula -2022

Isabela

Isabela, minha filha de 22 anos, tem Síndrome de Down e sempre foi uma jovem ativa. Além da escola convencional, ela se dedicou a várias atividades complementares, como equitação, musculação e trilhas. Quando surgiu a oportunidade de participar de um projeto que une jovens com deficiência por meio da arte, vi uma chance incrível para sua socialização e crescimento profissional. Isso a motivou a se matricular.

Após dois anos, posso afirmar com convicção que os resultados superaram todas as minhas expectativas. Integrar o Projeto Fazendo Arte Fazendo Parte transformou a vida da Isabela, tornando-a uma pessoa mais feliz e realizada. Ela encontrou um grupo de jovens que compartilham desafios semelhantes, onde planejam e realizam projetos juntos, enfrentando obstáculos com coragem. Nesse ambiente, eles exercitam paciência, resiliência, tolerância e amorosidade, e juntos têm conquistado grandes feitos.

A autonomia e a responsabilidade que Isabela demonstra em relação aos compromissos assumidos provam que os passos que estão dando são sólidos e significativos. Estou imensamente feliz com os resultados até agora e tenho plena certeza de que fazer parte desta iniciativa fortaleceu a confiança e a determinação dela, assim como a de todos os jovens envolvidos.

Por isso, só tenho um desejo: que o projeto tenha vida longa! Que ele continue a oferecer oportunidades para que mais jovens possam alcançar esses mesmos ganhos e transformar suas vidas.

Fafa

“Não tenho palavras para agradecer o tamanho da dedicação e empenho com cada jovem do projeto. Há anos que acompanho. Gratidão por cada ajuda, por cada palavra. Que Possamos continuar juntas por longos anos. Obrigada, Sílvia por ter fundado esse lindo projeto que hoje faz parte da minha vida e da minha irmã Fabiana”.

Fernanda, irmã da aluna Fabiana.



*Fabiana na Apresentação dos Clowns Desejosos
Projeto Flor da Vida - 2019*

Bela

Minha filha Isabela tem 32 anos e passamos por muitas fases bem difíceis na nossa caminhada. Nós mães atípicas só pensamos em buscar o melhor para os nossos filhos. E pra nós, eles serem aceitos e respeitados na sociedade assim como são é nossa prioridade. Não penso que deveríamos ter que lutar e brigar por isso. Penso que é o nosso direito querer que sejam vistos, respeitados, valorizados.

Infelizmente o mundo não prepara o ser humano para o diferente, o olhar é sempre julgando e parece que um sentimento de pena. Nossos filhos sentem, nós sentimos e as vezes nem sabemos o que dizer a eles. Ahhh se o mundo tivesse aberto para enxergar eles por dentro. O quanto são especiais, o quanto tem para o mundo, quantos talentos, quanta grandeza de espírito cada um trás dentro de si.

Falando nesse instituto que começou como um projeto de formar uma peça de teatro com nossos filhos, quanta transformação e evolução vi e vejo a cada dia na minha filha Isabela. Conheci o verdadeiro sentido da in-

clusão nesse projeto. Isabela estava ociosa e desanimada, ficava muito em casa, os projetos que os órgãos públicos ofereciam, ela já não se encaixava devido a sua idade.

Existe uma Isabela antes do Fazendo Arte Fazendo Parte e uma nova Isabela depois de fazer parte deste lindo projeto.

Ela sempre foi muito tímida e não conseguia enxergar seu potencial em quase nada que lhe era proposto, não se sentia capaz, creio que por conta das escolas normais que frequentou que sempre ficava de lado, e não lhe oferecia muitas opções. Nesse projeto ela foi incentivada a mostrar seus talentos, e olha que não são poucos. Hoje ela desenha e pinta lindamente, e no teatro jogou a timidez de lado e arrasa! Já conta seus personagens e se orgulha e se sente segura naquilo que faz. Ama tudo que lhe é proposto no projeto, artes, pinturas, desenvolvimento motor, expressão corporal, música. Chega sempre feliz e cheia de novidades todos os dias. Criou um círculo de amigos através do instituto e se sente inserida em tudo o que lhe é proposto.

Sou imensamente grata a idealizadora desse projeto, a querida e talentosa Sílvia Masulo e da equipe fantástica que se juntou a ela.

Maria de Fátima Rodrigues Pinto

O Fazendo Arte Fazendo Parte é um lugar que eu gosto muito de ir para me ajudar, mas eu estou a me ensinar teatro porque antes eu não gostava e aprendendo tirar a minha timidez pra não ficar muito tímida, antes não gostava de teatro e eu comecei a gostar no fazendo Arte Fazendo Parte.

Relato de Isabela Rodrigues Pinto – 30 anos
(participante do projeto)

Depoimentos dos artistas mediadores

Lembro-me que quando a diretora Sílvia Masulo me convidou para ser voluntária e atriz mediadora de uma peça que estava montando de uma turma que ainda não era o Fazendo Arte Fazendo Parte, confesso que fiquei

um pouco assustada porque nunca tinha tido contato direto com pessoas com variadas deficiências intelectuais, no começo não sabia muito como lidar com os alunos, tive vários receios, porém com o passar do tempo percebi que mesmo com suas deficiências havia muito talento para ser explorado e o melhor de tudo muito amor envolvido, cada aluno é único na forma de agir de falar de sentir e dessa forma ao mesmo tempo que tratamos todos com igualdade é uma igualdade dentro de cada singularidade e cada dia mais percebo que a sinceridade e o amor envolvido e a necessidade de inclusão de todos dentro da sociedade se torna necessária tanto para eles como para nós como sociedade em que temos muito a aprender com cada uma dessas pessoas .

Flávia Moreno, atriz.



Atriz Mediadora Flávia Moreno

Minha experiência com os jovens têm sido muito inovadora para mim. Sempre trabalhei como musicoterapeuta de pessoas neuro divergentes.

No entanto, no formato do instituto, a proposta que me foi solicitada é ministrar as aulas de música sem necessariamente a terapia, ou seja, é prepará-los para subir ao palco, para cantar, para impostar a voz, a musicalidade singular, treinar o estado de presença e conquistar seu lugar no mundo através da arte e da cultura.

Quando olho para um jovem neuro divergente sem me ocupar com objetivos terapêuticos que podem ter surgido naturalmente pela sua deficiência como normalmente se faz num contexto terapêutico e queixa da família para tratar a questão em si, é possível contemplar de maneira mais sublime a criatividade deles, a sensibilidade, as maneiras diversas com que eles sentem a música, pois a escuta que tenho sobre eles muda de foco. O foco é artístico e sensorial.

É possível também observar neles várias características comuns no mundo artístico: aquele que é inseguro e tem muita capacidade, o que quer sempre ser o protagonista, o que tenta “tirar” o protagonismo dos outros, as vaidades, a ansiedade comum com a chegada da data da estreia do espetáculo, a cooperatividade entre eles como um “time” para que tudo dê certo, entre outros.

É um trabalho muito sério e profissional que respeita a pessoa que está ali com todas as suas características e limitações, mas que também acredita muito no potencial que cada um pode apresentar.

Quando o incentivo é real e respeitoso, imediatamente o jovem se sente visto e livre para ser o que é, criando e se divertindo através da arte.

Roberta Engle Barsotti, musicoterapeuta e musicista.



Aula de Música com a Musicoterapeuta Roberta Barsotti - 2024

Em agosto de 2022 fui convidada pela Sílvia Masulo a fazer parte do projeto Fazendo arte Fazendo parte. Cheia de inseguranças aceitei. Meu primeiro pensamento foi: Eu não sou capaz! Cheguei em casa e chorei, chorei muito. Chorei pelo meu preconceito, chorei pela minha insegurança e chorei apaixonada, porque no fundo eu me apaixonei!

Logo em seguida fizemos uma viagem, gravação de cenas no aeroporto de Viracopos. Sentei do lado da Lulu. Lulu era uma bonequinha! Com seus quarenta e poucos anos, síndrome de down, e um brilho no olhar mais intenso que já vi. Suas pequenas mãos, pés e corpo aceitavam com

confiança qualquer tipo de ajuda! Uma lady! Na verdade foi ela quem me “recebeu”, ela me desejou boas-vindas! Foi incrível!

Os meus pensamentos de “não sei trabalhar com jovens com deficiência” foram se dissipando a cada encontro, e de repente me vi com o sentimento: que delícia é trabalhar com eles!

O afeto, a entrega, o carinho que eles tem pelos amigos, é maravilhoso. Se ajudam, se apoiam, se escutam, eles fazem parte!

Nesse período foram 2 montagens, um festival, inúmeras apresentações (com os jovens recebendo cachê, isso pra mim é uma parte muito importante do projeto, eles se apresentam, trabalham em feiras, ou fazem artes e vendem, recebem por isso) e diversas aulas, encontros, festas e apresentações!

Fazemos arte, fazendo parte, é uma grande família, de pessoas que se amam, se respeitam e são artistas. Sim, belíssimos artistas.

Eles se preocupam se fizeram direito, se estão bem em cena, com seus figurinos, cantam, dançam, tocam instrumentos, decoram textos e respeitam demais o palco.

Sem contar que como todo artista ficam inseguros, com vergonha, com medo... Porém se superam! Estar ali, é emocionante!

Ouvir eles cantando as canções preparadas para as apresentações, se preocupando com suas marcas, é um sentimento de dever cumprido. Mas não como uma professora que fez um “teatrinho”, é no sentido de inserir pessoas no mundo artístico, cumprindo meu papel como assistente de direção e coreógrafa, uma bela equipe cênica!

Eles podem estar em qualquer palco, pois são artistas, com alma de artistas!

Fazer parte desse lindo projeto, só me enche de orgulho! Desafios encontramos em todas as salas de aula, mas como sempre terminamos os encontros em roda, dizendo a palavra do dia, e a palavra escolhida por eles, que vence sempre é o AMOR!!!

Bárbara Bagattini, atriz e bailarina.



Aula de Corpo e Movimento com a Bailarina e Atriz Mediadora Bárbara Bagattini

Meu nome é Júlia Holzhauser licenciada em Artes e artista visual desde 2013, e tenho a honra de fazer parte do projeto Fazendo Arte Fazendo Parte.

Um espaço transformador, destinado a pessoas com deficiência intelectual e neuro diversos, onde oferecemos aulas de expressividade cênica, musical e plástica. É um privilégio acompanhar os jovens nessa jornada

de descoberta e expressão por meio das artes.

Minha vivência nesse projeto é enriquecida pela possibilidade de proporcionar experiências com diversas materialidades e referências artísticas.

Trabalhamos repertórios inspirados em obras e artistas renomados, mas o mais bonito é observar como cada jovem encontra o seu próprio caminho no fazer e no expressar.

A arte, aqui, não é apenas técnica; é um meio de comunicação, de autoconhecimento e de conexão com o mundo. Mais do que ensinar, aprendo com eles sobre resiliência, criatividade e autenticidade. O projeto não só promove a inclusão, mas celebra a individualidade de cada participante, mostrando que a arte realmente é para todos.

Julia Holzhauser, artista visual



***Natália e a mediadora Júlia Holzhauser
2024***

Somos OSC e Agora???

No ano de 2024 concluímos a formalização da nossa Instituição, o que nos possibilitou ocupar um outro posicionamento frente às organizações públicas e privadas e assim poder ampliar aprimorar e fortalecer nosso trabalho.

Esse é apenas o início de uma nova jornada.

O Instituto Fazendo Arte fazendo Parte em cada uma de suas ações reafirma seu compromisso com as pessoas com deficiência e almeja atender um público maior, com a especificidade que cada atendido necessita para que seu potencial seja plenamente despertado.

Acreditamos que a inclusão em todos os níveis da sociedade e para todas as populações diversas é ainda uma ação afirmativa fundamental para criarmos uma sociedade mais justa e amorosa.

Nosso maior desejo é que em um futuro próximo não necessitemos de organizações que apoiem e estimulem a inclusão, pois será uma ação natural de uma sociedade melhor.

Pertencer faz toda diferença. Vem fazer parte, obrigada!



**Comemoração 7º Aniversário do Projeto e
Formalização do Instituto - 2024**



Primeira Reunião com Mães - 2020



Judith e Sílvia na Posse Como Membros do Conselho Municipal da Pessoas com Deficiência de Atibaia - 2024



Primeira Diretoria do Instituto Fazendo Arte Fazendo Parte



Primeiro Passeio do Grupo Para São Paulo



Sílvia Masulo, pedagoga, atriz com pós-graduação em direção teatral e arteterapia.

Atua há mais de vinte anos nas áreas social e cultural desenvolvendo trabalhos artísticos e arteterapêuticos com enfoque nas artes cênicas.

Realizou trabalhos junto às Oficinas Culturais da Secretaria de Cultura São Paulo atendendo a diversos públicos: idosos, pessoas com deficiência e adolescentes.

Em 2014 fundou a Cia.mazu de teatro tendo em seu repertório sete espetáculos sob sua direção.

Atualmente está como presidente do Instituto Fazendo Arte Fazendo Parte, e coordena um núcleo de teatro inclusivo, para PCD intelectual e neurodiversos.

Contato: nina64@terra.com.br

Colaboradores:

Bárbara Bagattini

Roberta Engle Barsotti

Flávia Moreno

Julia Holzhauser

Judith Beresntein

Depoimentos:

Cynthia Barros

Maria de Fátima Rodrigues Pinto

Fernanda Pinheiro

Andrea Peçanha

Ney Cintra

Katia Montemor

Cláudio Terrana

Referências Bibliográficas

- ANDRADE, LQ de. Terapias Expressivas. São Paulo: Vetor, 2000
- BOAL, A. Jogos para atores e não atores Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009
- BOAL, A. O Arco-Íris do Desejo .Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996
- MORENO, JL. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975
- OSTROWER, F. Criatividade e Processos de Criação .Petrópolis: Vozes 2008
- VARIOS AUTORES,. A Arte como espelho. São Paulo: editora Alta-
na, 2006

Anexos

Atividades –Teatro inclusivo

O processo de inclusão é uma via de mão dupla, pois ao incluir alguém um novo mundo se abre cheio de possibilidades de contato e encontros surpreendentes.

Buscamos iniciar nossas aulas com atividades em que os participantes possam experienciar o pertencimento.

Você faz parte:

Em círculo cada participante é convidado a passar uma bola para seu companheiro ao lado dizendo o nome de quem vai receber a bola e a seguinte frase: (nome) Eu Vejo Você, quando a bola passar por todos deve retornar no sentido contrário em que foi passada com a seguinte frase: Você Faz Parte.

Em seguida todos são convidados a partilhar com o grupo algo que lhe seja relevante.

Pote de sensações e emoções:

Prepare em pote colocando papezinhos escritos com emoções e sensações. Exemplo: alegria, tristeza, inveja, cansaço, expectativa, sono, ansiedade etc.

Peça que um dos participantes retire um papelzinho sem que o restante veja o que está escrito no papel. O participante deve expressar com seu corpo o que está escrito no papel sorteado e o grupo deve adivinhar qual seria essa emoção ou sensação.

Varição: Faça um pote com emoji, cada participante deve tirar um papelzinho e imitar o emoji sorteado

Reprodução de fotos com o corpo:

A partir de fotos trazidas pelos participantes observar com o grupo quais seriam as sensações e emoções das pessoas na foto.

Em seguida faz-se a reprodução da fotos com os participantes para que expressem as sensações e emoções experimentadas nesse lugar.

Uma variação ou continuidade dessa atividade seria analisar com o grupo quais seriam as emoções da pessoas antes, durante e depois da foto, sempre propondo que os participantes representem com seus corpos essas sensações.

A cada hora de cada dia:

Nessa atividade os participantes são convidados a expressarem atividades cotidianas de um modo diferente do usual. Um dos participantes é chamado para ser o facilitador da ação dizendo: A cada hora de cada dia a gente aprende uma forma diferente de (propõe uma ação ex: brincar, dormir, comer) em seguida todo o grupo deve expressar com o corpo uma forma diferenciada da ação proposta.

A atividade continua até que todos tenham assumido a função de facilitador.

Atividade utilizando argolas ou bambolês:

(demarca o espaço de cada um).

Colocadas uma em frente da outra com um pequeno espaço entre elas formando uma fileira, montamos 02 fileiras paralelas.

- Trabalho de direção e lateralidade, pisando com o pé direito dentro da argola e o esquerdo fora. Caminha-se de uma a uma, um atrás do outro e vice e versa.

- Caminha-se pelas argolas com os 02 pés dentro e 02 fora, pulando uma argola, frontal e caminhando lateralmente.

- Uma fileira de argolas a frente da outra, um aluno em cada argola uma a frente do outro com uma distância de 01 a 02 metros entre eles, propõe-se troca de lugar com o colega da frente, depois com o colega da diagonal, o primeiro de uma fileira com o último da outra, com o colega da lateral direita depois da esquerda...

Além de trabalharmos noção de espaço, coordenação motora, atenção e escuta no comando para mudança de atividade proposta.

Atividades com o uso de Bola:

- Coordenação, apreensão manual, foco e escuta.
- Em roda passamos a bola primeiramente para o colega lateral (direita ou esquerda) e começamos uma contagem iniciando do número 01, o próximo passa e continua com a numeração até um número estipulado, geralmente começamos com 20 e vamos aumentando ao longo as aulas.
- Maior grau de dificuldade, passamos a bola para o colega da frente ou de qualquer outra direção, trabalhamos a pausa o olhar para o colega e depois o passe da bola com a contagem sem deixar a bola cair no chão.
- Passar a bola sem o uso das mãos, usando os antebraços, a cabeça, a barriga ou qualquer outra parte do corpo.
- Começo de construção de cena usando a bola, quem está em posse da bola fala uma palavra e passa para o próximo que deve dizer outra palavra que tenha algo que lembre a palavra anterior, ex: Casa e o próximo pode dizer cozinha, quarto, família ou algo que venha a sua mente quando ouve a palavra casa, e assim sucessivamente. Ao final montamos uma pequena estória com essas palavras.

Exercícios com Obstáculos e com olhos vendados:

- Colocar vários cones de pvc ao longo da sala, na frente e laterais e sobre o cones colocar bolinhas de cores diferentes (quantidade de cores de acordo com a quantidade de equipes predefinidas) um amigo fica ao lado para guiar e outro com os olhos vendados, o que está guiando dá as instruções, por exemplo: um passo à frente, um para a direita.... esquerda e quando chega próximo ao cone da sua cor abaixa e tem que pegar a bolinha até terminar de pegar todas as bolinhas da sua cor.

Esse exercício trabalha a escuta, foco, confiança, lateralidade, corpo no espaço e comando de voz.

Exercício cênico utilizando o corpo, imaginação ou suas próprias histórias:

- Um amigo conta sobre um dia de sua vida que pode ter sido o mais feliz ou o mais marcante ou sobre algum presente que ganhou de alguém

importante que conheceu e um grupo monta a estória contada utilizando somente o corpo, pode ser através de um único movimento que traga a sensação da estória ou pode ser por mímicas ou por música...

- Dificultando um pouco mais um amigo começa a contar uma estória e outro diz uma palavra qualquer que deve ser introduzida na estória contada e assim sucessivamente...